

Museu Histórico Anita Garibaldi: presença-ausência no espaço urbano de Laguna

Anita Garibaldi Historical Museum: presence-absence in the urban space of Laguna

Katielli Chaves Antunes.
Mestre em Letras,
doutoranda em Letras,
bolsista SETI.
<https://orcid.org/0000-0002-1971-7111>
E-mail:
katielliantunes@hotmail.com

Maria Cleci Venturini; Pós-doc em História e Memória.GPTD; docente na UNICENTRO e na UFPR.
<https://orcid.org/0000-0002-5576-2745>
E-mail:
mariacleciventurini@gmail.com

Submetido em: 08/03/2025
Aceito em: 30/08/2025
Publicado: 10/12/2025

e-Location: 19296

Doi: 10.28998/2317-9945.202586.275-294



ISSN: 2317-9945 (On-line)
ISSN: 0103-6858 (Impressa)

Katielli Chaves Antunes

Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO)

Maria Cleci Venturini

Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO)

Resumo

O artigo que apresentamos discute a noção “presença-ausência” a partir de Venturini (2017, 2024), mobilizado-a em discussões sobre o Museu Histórico Anita Garibaldi MHAG, tomado enquanto objeto discursivo que se encontra na cidade de Laguna, estado de Santa Catarina. As discussões ancoram-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso via Pêcheux e seus sucessores. As noções de Formação Discursiva e Ideológica (FD e FI) são mobilizadas nas análises empreendidas nos textos-imagens através do dispositivo do movimento pendular (Petri, 2013). Objetivamos, com este texto, discutir a presença-ausência de Anita Garibaldi no Museu que leva o seu nome e no espaço urbano da cidade catarinense. A questão respondida foi: como Anita Garibaldi é presença e ao mesmo tempo ausência no Museu e na cidade que se diz a sua terra Natal?

Palavras-chave Anita Garibaldi; Museu; Presença-ausência; Espaço urbano

Abstract

The article presented analyses the notion “presence-absence” from Venturini (2017, 2024), using it in discussions about the Anita Garibaldi MHAG Historical Museum, located in the city of Laguna, state of Santa Catarina taken as a discursive object. The discussions are anchored in the theoretical-methodological assumptions of Discourse Analysis via Pêcheux and his successors. The notions of Discursive and Ideological Formation (DF and FI) are mobilized in the analyzes carried out in the text-images through the pendulum movement device (Petri, 2013). Through this text, the

presence-absence of Anita Garibaldi in the Museum that bears her name and in the urban space of the city of Santa Catarina can be discussed. The question answered was: how does Anita Garibaldi is a presence and at the same time absence in the Museum and in the city that calls herself her homeland?

Keywords: Anita Garibaldi; Museum; Presense-absence; Space Urban

PRIMEIRAS PALAVRAS: PONTUANDO QUESTÕES

[...] o ausente pode significar a partir de um 'antes' em relação a, na/pela história como historicidade. (Venturini, 2017, p. 128)

A epígrafe com que iniciamos este texto retoma a repetibilidade: um 'antes' que torna presente o ausente, ancorando-se na história, não como data ou cronologia, mas como o que retorna pela historicidade, significando a ausência que, contraditoriamente, funciona como presença “por rastros e vestígios do que ressoa do passado, como ‘sobra’, instaurando e produzindo efeitos no presente” (Venturini, 2017, p. 131-132). Bem antes do texto de 2017 essa noção comparece nas pesquisas de Venturini, primeiro por meio de Erico Verissimo na cidade de Cruz Alta e em 2016 com Inês de Castro, em Coimbra/Alcobaça, em Portugal com pesquisa desenvolvida no estágio sênior supervisionado pelo historiador Fernando Catroga (2009) que mobiliza a noção poética da ausência a partir de Rancière (1994).

Na perspectiva da Análise de Discurso, campo teórico a que nos filiamos, não há como pensar a ausência sem trazer Courtine (1999) e o “Chapéu de Clémentis”, que dá visibilidade ao que não está fisicamente visível, mas retorna por discursos e memórias. Trata-se de ausências presentes, sinalizando a impossibilidade de esquecer e, mesmo de gerenciar a memória, apesar de a mídia tentar fazê-lo e falhar, já que a memória do saber é inacessível ao sujeito, ressoando por filiações. Outra noção que contribui para analisar a presença-ausência é o funcionamento da memória como discurso *de* (eixo da constituição) e o discurso *sobre* (eixo da formulação) desenvolvido por Venturini (2024), sinalizando que o discurso abrange esses dois funcionamentos e é o discurso *de* que sustenta e possibilita trazer para o eixo da formulação, o ausente a partir de memórias que em (dis)curso torna-os acessíveis.

O fio condutor do artigo é o espaço urbano da cidade de Laguna, fundado em 1676 e que tem se mostrado relevante no que tange à atualização do entendimento da figura do herói nacional desde a preparação dos eventos para a comemoração dos 500 anos do ‘descobrimento’ do Brasil¹. Vale destacar que analisamos o espaço urbano como discurso e devido a isso a constituição de nosso arquivo para a pesquisa indicou que essa atualização tem a ver com marcos históricos e significações em torno desta cidade, tais como: a detenção do título de “3a cidade mais antiga do estado”; o fato de a República Juliana² ter sido proclamada ali e, ainda, por ser a terra natal de Anita Garibaldi. O espaço urbano, em tela, localiza-se no estado de Santa Catarina e os sujeitos-cidadãos que formam o seu corpo são, em sua maioria imigrantes, talvez pela facilidade de chegada decorrente do funcionamento do porto nesse espaço. Há que se sublinhar, ainda, que Laguna foi palco de batalhas que marcaram a História do Brasil.

Diante do que se apresenta (ou não) no espaço urbano da cidade de Laguna é que nos perguntamos: como Anita Garibaldi é presença e, ao mesmo tempo, ausência no Museu e na cidade designada de sua terra natal? A construção de nossa resposta se dá pelas análises que empreendemos em textos-imagens³, capturados do espaço urbano de Laguna na visita feita em novembro de 2024.

Para o desenvolvimento do texto e com vistas a responder à questão proposta, mobilizamos os dispositivos teórico-metodológicos da Análise de Discurso pecheutiana (AD) e, do arquivo construído sobre Laguna, tendo como *locus* o Museu Histórico Anita Garibaldi MHAG. Nesse museu, as Formações Discursivas (FD) e Ideológicas (FI) funcionam em discursos sobre o espaço urbano e, no processo de interpretação em que ressoam a ausência-presença de Anita Garibaldi, especialmente nesse museu que leva o seu nome. Vale destacar que ela foi consagrada como ‘heroína de dois mundos’, demandando que se busque saber, a partir da teoria discursiva, mais sobre o processo de sua transformação desde a História até chegar a essa designação, colocando em

¹ Oficialmente comemorado em 1º de maio de 2000 - o termo descobrimento teve seus desdobramentos e atualização de interpretação, porém não aprofundaremos nesse trabalho.

² A República Juliana, também conhecida como República Catarinense é um desdobramento da Guerra Farroupilha. Proclamada em 1839, na ainda Vila de Laguna foi uma tentativa de resistência ao império do Brasil

³ O conceito de texto-imagem é mobilizado por Venturini ([2009]2024), sinalizando que a imagem faz sentido em relação ao discurso, aos silenciamentos, mas também às condições de produção que a constituem, fazendo ressoar sentidos.

suspensos, também, as definições de herói que foram se transformando, no Brasil, até chegar ao Séc. XXI.

MEMÓRIA E HISTÓRIA EM LAGUNA - CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

O interdiscurso linearizado através da memória discursiva e seus recortes torna possível compreender as diferentes formas de dar sentido ao acontecimento, a partir de lugares sociais, relações de pertença, de lugares discursivos, categorias estas que se concatenam e que tornam possível conferir aos enunciados múltiplas leituras. (Zandwais, 2021, p. 31)

De nossa posição-sujeito de analistas de discurso, colocamos em pauta a relação entre memória e história, apontando, como fez Venturini (2021) as aproximações, mas também os distanciamentos, considerando a heterogeneidade e a possibilidade de os sentidos sempre poderem ser outros e as leituras múltiplas, conforme a epígrafe, trazida de Zandwais (2021).

Valemo-nos da mesma autora para compreender esse processo, centrando na afirmação de que as estilizações não dão conta de tratar das identidades dos sujeitos (Zandwais, 2021, p. 18), já que os sujeitos, mesmo inscritos em uma mesma formação discursiva (doravante FD) não dizem o mesmo. Pêcheux (1997, p. 160, grifos do autor) define a formação discursiva como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito [...]*”. Do nosso lugar de analistas, pensamos que as formações ideológicas e as formações discursivas determinam o dizer e estes devem ser ‘lidos/interpretados/compreendidos’ em consonância com as condições de produção em sentido amplo (Orlandi, 2002), ligada à noção de historicidade (presença-ausência). Pelas condições de produção em sentido amplo os sujeitos são ressignificados a partir de suas tomadas de posição decorrente de filiações ideológicas.

Cabe destacar, nesse sentido, que a AD como disciplina de entremedio, mobiliza a História e a memória como aliadas no que tange às condições de produção, mantendo as devidas distâncias e deslocamentos. Nessa direção, Venturini (2021, p. 173) discute o funcionamento da história e da memória, na Análise de Discurso e na História como disciplina e nos diz que a História, assim como a Análise de Discurso “pode ser vista como lacunar e escrita a partir do tempo do historiador, que pode

abrir um século em dez páginas e, um dia igualmente em dez páginas” (idem, p. 173). A história é escrita a partir de documentos e de datas, podendo-se dizer que ela é “interpretadora da sociedade” (Veyne, 2008). Centra-se em documentos e dados e a Análise de Discurso “trabalha a língua na história, funcionando pela historicidade” (Venturini, 2021, p. 172) e isso não significa abandonar o acontecimento e o documento, que enfocam, de acordo com Rancière (1994), a civilização material e os fenômenos das mentalidades. A história, de acordo com o filósofo em tela, segue o movimento do sensível e considera tempos passados, reinscrevendo-os no tempo presente.

Entendemos, tendo em conta nossa filiação, que essa reinscrição depende de sujeitos e das Formações Discursivas e Ideológicas, a partir das quais o analista de discurso interpreta, e reinterpreta o acontecimento assim como faz o historiador, de acordo com Venturini (2017), ancorada em Rancière (1994). Essas considerações contribuem para as análises da presença-ausência do sujeito histórico Anita Garibaldi por meio do espaço do MHAG⁴. Laguna é uma das mais antigas cidades de Santa Catarina e, por essa razão, trazemos a sua história e, por esse viés, analisamos o funcionamento do Museu nesse espaço urbano.

Diz a História que a origem de Santo Antônio dos Anjos da Laguna data de 1676, indicando que se trata da terceira cidade mais antiga do estado e tem origem nos povos Sambaquis. Uma cidade que por meio dos sítios arqueológicos resgatam vestígios dos povos pré-coloniais, como a tribo dos carijós que habitava o litoral de Santa Catarina. Por sua relevância tanto geográfica quanto econômica, além de sua refinada arquitetura, foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, (IPHAN⁵), no ano de 1985. Entretanto, antes de ser designada ‘Histórica’, tendo em conta os prédios e monumentos, Laguna foi palco de confrontos e disputa que marcaram a História e, como discurso *de* (rememoração) sustentam e ancoram o discurso *sobre* (comemoração) que circula na contemporaneidade e nos permite realizar gestos de interpretação sobre os sujeitos que formam o corpo da cidade.

⁴ Museu Histórico Anita Garibaldi.

⁵ <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/397/> . Acesso em 27/12/2024.

Pesquisas de Venturini (2007, 2009, 2021, 2024) deslocaram o trabalho da memória, pensando no discurso *de* e discurso *sobre*, defendendo que os discursos se constituem pela instância da memória e da atualidade e que as duas instâncias funcionam juntas. Nesse sentido, mobilizamos o discurso *de* (memória), compreendendo-o como rememoração, a partir do interdiscurso como pré-construído, retornando ao eixo da formulação, enquanto discurso fundante que ancora o discurso *sobre* (comemoração). Já “o discurso *sobre* se constitui pelo discurso *de*, que funciona como memória que o constitui e como discurso que se repete e retorna, sustentando o dizer no eixo da formulação.” (Venturini, 2024, p. 84). O discurso *de* é inacessível ao sujeito, mas na tessitura discursiva preenche os ‘furos’ no eixo da formulação, indicando a indissociabilidade entre memória e atualidade.

Temos no eixo da formulação (discurso *sobre*) o discurso do historiador Adílcio Cadorin (2020, p. 17), que fez o levantamento histórico da cidade e afirma que “foram os bandeirantes portugueses que iniciaram a ocupação do sul do Brasil durante o processo de consolidação da conquista do território e de expansão das divisas acordadas pelo Tratado de Tordesilhas⁶”, para isso partiam de Laguna diversas expedições, já que “[...] era o último povoado do sul, daí sua importância estratégica para ocupar o território do atual estado do Rio Grande do Sul e do Uruguai” (idem, p. 17) sendo áreas constantemente ameaçadas pelos espanhóis.

Além da questão territorial, destaca-se a zona portuária: porta de chegada para o sul do Brasil, responsável pela movimentação econômica, que traz o apogeu para Laguna, conforme registros do mesmo historiador (2020):

O porto de Laguna também exportava charque, mas em menor quantidade, mas por sua posição geográfica, era o segundo porto de todos do sul, daí decorrendo naturalmente que fosse transformado na principal cidade portuária da província de Santa Catarina (Cadorin, 2020, p. 21)

Esse *status* mantém-se até o acontecimento da ‘Tomada de Laguna’, durante as batalhas para o estabelecimento da República Juliana. Devido ao confronto dos farroupilhas com a república houve o fechamento do porto, que impediu a entrada e a saída do comércio, levando Laguna à decadência. As batalhas inscrevem-se na

⁶ Acordo entre os reinos de Portugal e Espanha, que delimitava as fronteiras territoriais.

História por meio dos registros de guerras, que devastaram a cidade, da qual sobraram poucos vestígios físicos. Permaneceram em pé algumas das construções, como testemunhas da riqueza da região, assim como o centro histórico “formado a partir do porto original e abriga cerca de 600 imóveis. No município, existem 43 sítios arqueológicos.” (site IPHAN⁷).

A cidade define-se pela placa de entrada que diz: “Laguna: Patrimônio Histórico Artístico Nacional” e suscita emergências, das quais selecionamos duas: 1) a constituição de efeitos de sentidos e 2) o entendimento de que a constituição do Patrimônio se dá não apenas pelos conjuntos arquitetônicos, mas também pelos espaços institucionalizados que estão abrigados nesses edifícios, sendo um deles o Museu Histórico Anita Garibaldi. O centro histórico de Laguna estrutura-se pela Igreja Matriz Santo Antônio dos Anjos, o Cine Teatro Mussi, Fonte da Carioca (1863), Casa Pinto D’Ulisséa, Casa Candemil – arquivo municipal, Mercado Público, Museu Casa Anita Garibaldi e Museu Histórico Anita Garibaldi, todos em torno da praça principal ‘Vidal Ramos’.

Pelas construções, pelos monumentos e pela organização do espaço urbano ressoa a trajetória⁸ de uma cidade que, mesmo tendo como ‘filha ilustre’ Anita Garibaldi, não pode ser reduzida apenas a ela, “significando que o passado retorna de acordo com as emergências do presente e conduz a um tempo futuro, ao devir.” (Venturini, 2024p. 69). Segundo a mesma autora, o passado “retorna – pelos enunciados fundadores - não com o mesmo sentido, mas ressignificado a partir de memórias e do conhecimento transformado e deslocado pelo funcionamento discursivo (historicidade) a partir de (memória) e do conhecimento transformado e deslocado pelo funcionamento discursivo (historicidade)” (Venturini, 2024, p. 151), e com isso, espaço urbano, memória/história são indissociáveis nos discursos em circulação. Portanto o Museu, dá visibilidade à Anita na nomeação do espaço enquanto em seu interior, dá vitrine para outros sujeitos que também contribuíram para a formação da cidade.

⁷ Segundo dados do IPHAN, disponíveis em <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/397/>

⁸ Usamos a palavra trajetória para sinalizar que os espaços que constituem a cidade de Laguna não surgiram ao mesmo tempo, pois cada um deles tem a sua história e o seu valor histórico patrimonial específico, que significam em cada época.

Museu Histórico Anita Garibaldi (MHAG)

O Museu tem sido trabalhado por Venturini desde 2004 e, entre as definições de Museus, assevera que se trata de “espaços memoriais que visam a atuar na produção de conhecimento pela estruturação de arquivos que ‘guardam’ memórias de acontecimentos do passado, do presente, incluindo o futuro interpretado e lido pelo presente – sempre já passado” (Venturini, 2020, p. 183). É assim que o Museu em análise situado no centro histórico de Laguna, o prédio do atual Museu Histórico Anita Garibaldi, também tem sua historicidade, pois a construção do Paço do Conselho, tendo sido iniciada em 1735, de acordo com o site da prefeitura⁹:

[...] foi terminada no final do século XVIII, seu alicerce e paredes foram erguidos com areia, pedras e cal, oriundo dos sambaquis, onde as conchas foram trituradas e misturadas com o barro. O prédio é um dos monumentos mais antigos do sul do Brasil.

A forma de construção do prédio, pelo viés arquitetônico, colabora no entendimento da constituição tanto da economia da cidade quanto na contemporaneidade das questões relacionadas à manutenção do patrimônio histórico da cidade. Nesse sentido, vão além do que tratativas das quais o IPHAN é o responsável e dão a ver como são tratadas as questões de memória de/sobre o espaço urbano de Laguna, em que não só as instituições têm suas atribuições, mas também a comunidade que participa (ou não) da/na manutenção das memórias constitutivas da cidade.

De acordo com os dados informados pelo site da prefeitura¹⁰, o prédio em que está o MHAG abrigava a câmara de vereadores, e ficou marcado na História pelo momento em que testemunhou a proclamação da República Juliana em 1839. Essa historicidade verificada nas obras “Anita: Guerreira das Repúblicas e da Liberdade” (Cadorin, 2020), e “Laguna terra mater: dos Sambaquis à República Catarinense” (Cadorin, 2013), foi também registrada na pintura de Cláudio Carpes, tela (texto-imagem1) que faz parte do acervo e da exposição do MHAG:

⁹ Disponível em <https://turismo.laguna.sc.gov.br/sobre-a-cidade/>. Acesso em 09/01/2025

¹⁰ Disponível em <https://laguna.sc.gov.br/museu-historico-anita-garibaldi/> Acesso em 07/01/2025

Texto-imagem 1: Pintura do prédio



Fonte: Acervo MHAG (2024)

Destacamos para a análise o MHAG (prédio, objetos em exposição, historicidade) em conjunto tomado como arquivo, pois é “em si mesmo um documento, não como mobiliário material, mas como objeto cultural que representa em si mesmo os conteúdos imaginários constitutivos dos objetos que arquiva” (Venturini, 2024, p. 75), e ainda, na esteira de Orlandi (2017, p. 72) que “é o que permite observar a relação do real com o imaginário, ou seja, a ideologia, que funciona pelo inconsciente” permitindo o processo de resistência das memórias de/sobre Anita Garibaldi, ressoando no nome do espaço, sendo deslocados para uma presença-ausente no acervo e nas exposições que o compõe.

Embora na contemporaneidade a educação patrimonial seja uma pauta relevante no município de Laguna, o site da prefeitura sinaliza que nem sempre foi assim:

Com o passar dos anos ele foi abandonado, algum período ocupado por departamentos municipais, inclusive a biblioteca. Em 1949, o prédio voltou a ser utilizado, definitivamente como **Museu Anita Garibaldi**, onde encontra-se nesta edificação **desde 31 de julho de 1949**. (grifo nosso)

Referendamos que o surgimento do Museu se deu pela comemoração do centenário de Anita Garibaldi, ocasião em que o espaço foi reinaugurado, passando a funcionar como um lugar de memória institucionalizado.

A comemoração (*discurso sobre*) se sustenta em memórias que ressoam do passado, dando visibilidade às revoluções e, também, à vida de Anita Garibaldi, que se constitui como um rompimento com os costumes da época, quando depois de sempre obedecer e de se casar pela vontade da família, abandona tudo para seguir Giuseppe Garibaldi. Essas memórias que ressoam desde o interdiscurso (e que designamos de *discurso de*), circulam em (dis)curso a partir de sujeitos, já o que chamamos de *discurso sobre* (atualidade) nos permite analisar que o que circula no Museu, em Laguna, tem legitimidade pelo que vem do passado e atende aos desejos da formação social, sem ser unanimidade, visto que o discurso se abre para distintas interpretações.

Na perspectiva da AD, as publicações que envolvem a temática dos museus discutem fortemente as noções de Ideologia, condições de produção e imaginário. Para Venturini (2021, 2024) a definição de Museu, inscrita na Análise de Discurso, relaciona o espaço, à memória, à história e às instituições. Afim de traçarmos um processo de comparação, trazemos a dissertação de Antunes (2021)¹¹ que também teoriza acerca do Museu Erico Verissimo em Cruz Alta (RS), enquanto lugar de memória, considerando as posições de Venturini (2024).

Em Cruz Alta a casa presentifica o passado, tendo sido moradia do escritor e, no interior dela, objetos de uso pessoal como canetas, carteiras, talões de cheques, manuscritos compõem o acervo e satisfazem os anseios do visitante, atendendo aos padrões do que víamos como função de um lugar de memória, quais sejam: “constituir, sustentar e interpretar sujeitos idealizados” (Venturini, 2024, p. 77).

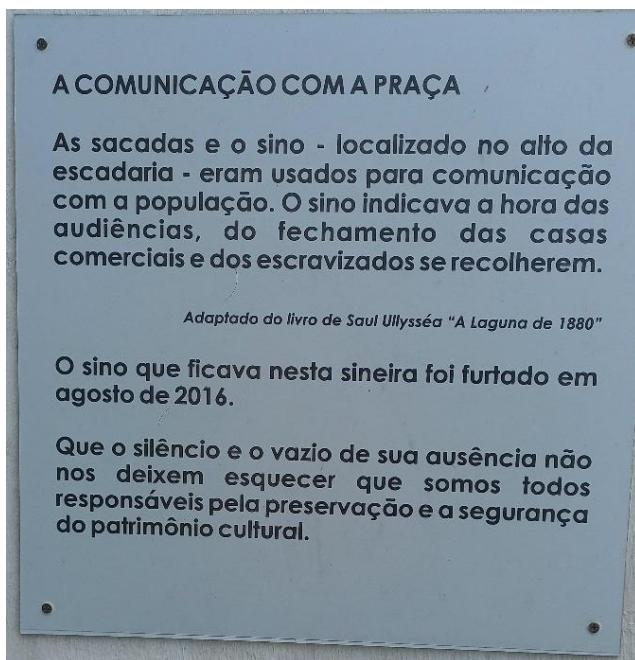
Embora já se tenha estabelecido diversos formatos de museus, a nomeação do espaço diz muito (ou espera-se que diga) sobre o seu interior. É pelo nome que acontece o processo de antecipação do visitante, que é atraído, de forma geral e em primeira instância. Há um pré-construído que ressoa nos sujeitos, fazendo com que

¹¹ Dissertação completa disponível em <https://tede.unicentro.br/jspui/handle/jspui/1653>. Acesso em 30/11/2024.

eles tenham o efeito de expectativa sobre o interior do espaço museológico, esperando encontrar objetos que presentifiquem Anita Garibaldi. . Nesse sentido, o processo de antecipação ocorre pelo funcionamento do imaginário, em que o sujeito se antecipa, colocando-se no lugar em que o outro o ouve, buscando regular o dizer, com vista à adesão, à defesa de suas ideias. O processo sustenta-se no imaginário que locutor tem dele mesmo, nesse caso as instituições e daqueles que estruturam o espaço urbano da cidade de Laguna.

Sem identificação, ao visitar o MHAG, a primeira placa (texto-imagem 2) que o visitante tem acesso diz respeito ao patrimônio e retoma a historicidade da cidade. O prédio, que ocupa lugar central na disposição do centro histórico, desempenha, pelo mencionado na placa, uma função social, determinando e instaurando a ordem no funcionamento do espaço urbano pelo badalo do sino. Essa memória, no eixo da formulação, mobiliza relações de sentido, conforme Orlandi (2015, p. 32) “é da ordem do saber discursivo, memória afetada pelo esquecimento”, que ressoa na contradição da ausência que será anunciada na sequência.

Texto-imagem 2: Placa da entrada do MHAG



Fonte: Foto realizada pela autora no MHAG (2024)

A informação do furto em 2016 inscreve e marca a posição do IPHAN, institucionalizada, entidade responsável pela manutenção e conservação dos acervos da cidade, que em nosso processo de interpretação, liga-se ao funcionamento da noção de presença-ausência, tendo em vista que somos todos responsáveis pela preservação do patrimônio cultural. Ancoradas no funcionamento do movimento pendular (Petri, 2013, p. 42), partimos, em consonância com a pesquisadora, de um “lugar de significados estabilizados na forma do já-dito”, no qual é possível compreender e interpretar, portanto, que Anita Garibaldi pode ser significada enquanto patrimônio, mesmo que esteja evidente a ausência de objetos que a presentifiquem no acervo do Museu.

O MHAG, diferente do exemplo do Museu de Cruz Alta mencionado anteriormente, foge abruptamente dessa ilusão de lugar de memória estabilizado, haja vista em seu interior existir uma única peça (texto-imagem 3 e 4) que se relaciona a Anita Garibaldi, além da réplica do Barco Seival (texto-imagem 3), presentificando-a pelo que vem como memória, fazendo-a presente na ausência.

Texto-imagem 3: Réplica do barco Seival

/



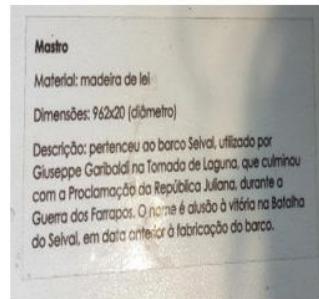
Fonte: Foto realizada pela autora no MHAG (2024)

Texto-imagem 4: Mastro do barco Seival



Fonte: Foto realizada pela autora no MHAG (2024)

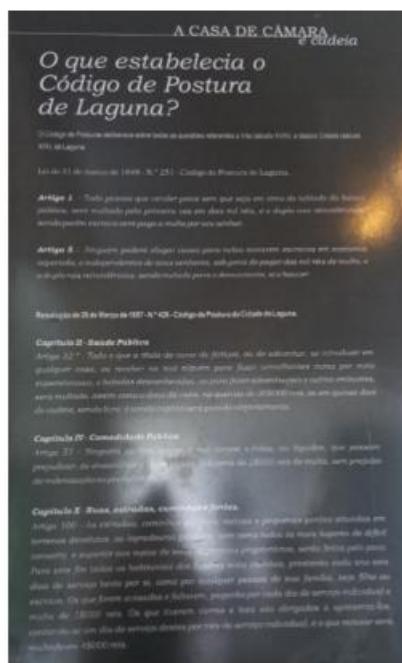
Texto-imagem 5: Placa de identificação do mastro do barco Seival.



Fonte: Foto realizada pela autora no MHAG (2024)

Além da relevância arquitetônica do prédio, destaca-se a conservação de suas características originais, sendo que a exposição contribui para a criação de um panorama da reconstituição de Laguna. A primeira sala, possibilita reconstruir a dinâmica familiar com alguns móveis do século XVIII. Entretanto o que mais se destaca no ambiente é o painel (texto-imagem 4) que trata sobre o Código de Postura de Laguna, do qual transcrevemos um trecho:

Texto- imagem 6: Painel sobre Código de conduta de Laqua



Fonte: Foto retirada pela autora no MHAG (2024).

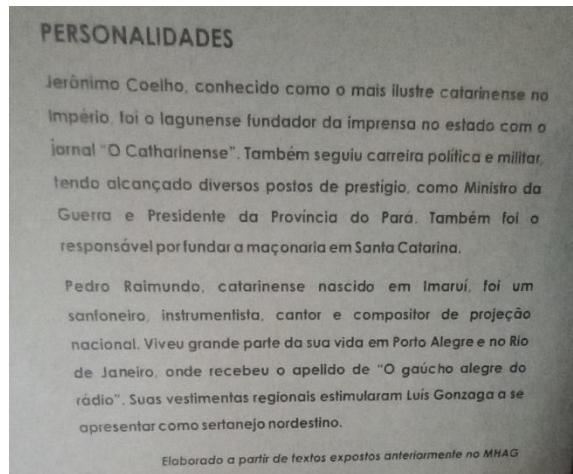
Capítulo II- Saúde Pública

Artigo 32º. Todo o que a título de curar de feitiços, ou de adivinhar, se introduzir em qualquer casa, ou receber na sua alguém para fazer semelhantes curas por meio supersticiosos, e bebidas desconhecidas, ou para fazer adivinhações e outros embustes, será multado, assim como o dono da casa, na quantia de 30\$000 reis, ou em quinze dias de cadeia, sendo livre, e sendo ~~captiveio~~ será

Tendo sido constituída não somente pela população local, mas também por escravos, sendo ainda local de passagem de estrangeiros devido ao porto, a FD religiosa comparece em inúmeros monumentos. Pelo que é estabelecido no Código de Conduta houve tentativas de controlar e de gerenciar memórias, ameaçando com multas e castigos físicos aos sujeitos que não se enquadrasssem como ‘bom sujeito’ Lagunense.

Na segunda sala de exposição há alguns móveis, também do século XVIII e XIX, que compõem ambientes com painéis (textos-imagens 7, 8 e 9) indicando sujeitos designados como personalidades:

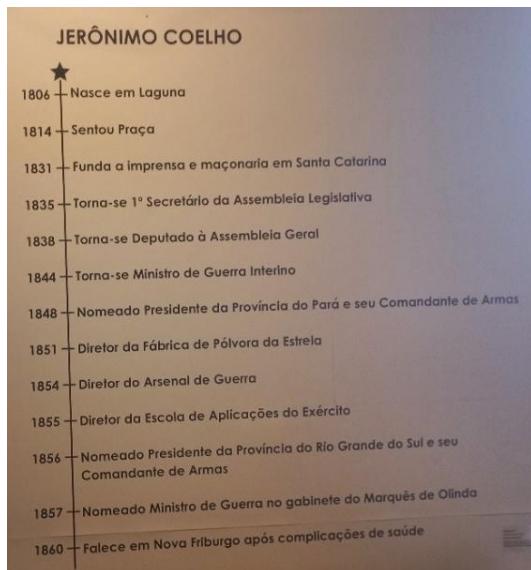
Texto-imagem 7: Painel sobre personalidades



Fonte: Foto retirada pela autora no MHAG (2024)

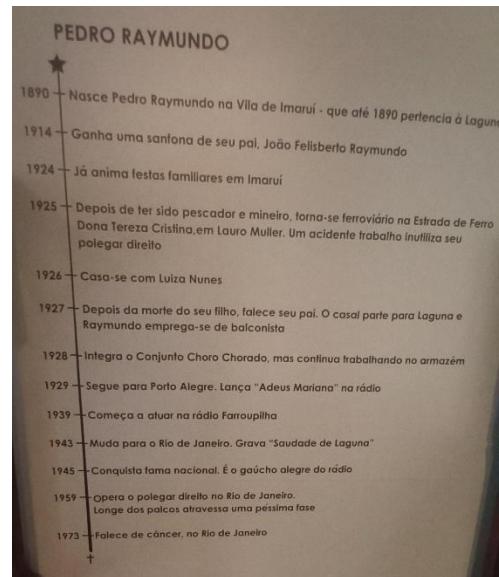
Os sujeitos destacados são Jerônimo Coelho (texto-imagem 8) - fundador da imprensa no estado, tendo ainda feito carreira militar e política – e Pedro Raimundo

Texto-imagem 8: Linha do tempo de Jerônimo Coelho



Fonte: Foto retirada pela autora no MHAG (2024)

Texto-imagem 9: Linha do tempo de Pedro Raymundo



Fonte: Foto retirada pela autora no MHAG (2024)

Não é o propósito deste texto investigar a relevância desses sujeitos, o que importa para nós é que ambos recebem o estatuto de personalidade dentro do espaço museológico, o que lhes confere visibilidade e instaura a contradição, pois não há nenhuma referência similar tratando da cronologia de Anita Garibaldi, mesmo sabendo que “o povo brasileiro foi contemplado [...], mesmo que tardiamente, a nacionalidade brasileira e naturalidade lagunense de Ana Maria de Jesus Ribeiro, autorizando o seu registro tardio” (Cadorin, 2020, p. 28). Essa ausência de cronologia de Anita Garibaldi encaminha-nos para ao nosso questionamento inicial, qual seja: por que não há uma linha do tempo destinada para Anita Garibaldi em um museu que leva o seu nome? Há um apagamento em funcionamento ou seria essa uma estratégia?

Pensar tais questões demanda que o analista pense que a comemoração, conforme Venturini (2024) só acontece quando há traços de identificação entre o sujeito idealizado e o espaço urbano, quando se ‘conta’ que Anita saiu da cidade de Laguna com Giuseppe Garibaldi aos 18 anos de idade, já se estabelece uma aproximação com tantas moças dessa cidade que fizeram o mesmo, no passado ou na contemporaneidade. É importante destacar, igualmente, que a rememoração – memórias que sustentam e atualizam a comemoração – fazem sentido para uma parte dos cidadãos lagunenses e instaura identificações.

Vale destacar ainda que a designação “heroína de dois mundos” deu-se primeiramente na Itália, título que é reconhecido e institucionalizado em Laguna na ocasião do seu centenário, apenas em 1949, com a reinauguração do espaço enquanto museu. Fora do Brasil Anita é reconhecida como a ‘mãe da pátria Italiana’, seus restos mortais estão enterrados em um mausoléu¹² construído em sua homenagem em Roma desde 1932, porém no local em sua terra natal que carrega o seu nome não há um único painel a seu respeito. Nesse sentido, Zandwais (2021, p. 31) retoma que na AD

[...] a filiação do sujeito à memória pode ser compreendida através da categoria do interdiscurso, onde se tem acesso a múltiplos dados históricos que são mobilizados pelo investigador. O interdiscurso linearizado através da memória discursiva e seus recortes torna possível compreender as diferentes formas de dar sentido ao acontecimento, a partir de lugares sociais, relações de pertença, de

¹² O monumento está localizado no monte gianicolo: <https://www.cavallomagazine.it/cultura-equestre/anita-garibaldi-che-donna-ragazzi>

lugares discursivos, categorias estas que se concatenam e que tornam possível conferir aos enunciados múltiplas leituras.

Nessa direção, instaurado o processo de interpretação, compreendemos que essa ausência de documentos e referências faz emergir como efeito no visitante a curiosidade de saber mais sobre esse sujeito. Compreendemos, também, e isso é importante, que a ausência funciona pelo simbólico e não em relação ao que 'falta', enquanto documento ou objeto, pois o ausente tem mais produtividade quando se 'tenta' apagar, censurar, proibir.

Como dissemos nas linhas iniciais de nosso texto, o centro histórico de Laguna foi tombado pelo IPHAN. Em nossa visita percorremos os pontos históricos com vistas a ampliar nosso arquivo para tese e recolhemos materialidades que contribuem para o entendimento da disposição do espaço urbano, uma delas é o panfleto (texto-imagem 10), destacado abaixo, sendo o ponto número 10 a localização do MHAG:

Texto-imagem 10: Panfleto com mapa do centro histórico de Laguna.



Fonte: Secretaria de Turismo e Lazer de Laguna.

Vimos em nossa análise que a contraditória presença-ausência de Anita Garibaldi no MHAG instaura um efeito principal, dentre outros: a curiosidade. Esse efeito pode sugerir ao visitante buscar pelos demais espaços que tratam do sujeito histórico que é a heroína. O mapa (texto-imagem 10) indica outros dois lugares de rememoração/comemoração: o Museu Casa Anita Garibaldi (ponto 2) e a Casa onde Anita morou (ponto 7).

Sendo ponto importante do município a manutenção dos edifícios, os espaços abertos à visitação cobram ingresso para a liberação da entrada. De acordo com as informações que recebemos, moradores da cidade não pagam ingresso, entretanto a visitação destes é muito pequena, sendo os museus valorizada por visitantes externos à cidade que dão visibilidade à Anita Garibaldi que a reconhecem como “Heroína”, enquanto os moradores da região dão destaque ao fato de ela ter deixado a cidade após a Tomada de Laguna, ter ido embora com um estrangeiro e ainda ter assumido o sobrenome dele, o que torna Anita filha não grata aos olhos dos lagunenses.

O trabalho desenvolvido pelo Instituto CulturAnita tem, aos poucos, transformado a visão da população local, dando visibilidade aos feitos de Anita Garibaldi nas frentes de batalha, lutando por igualdade e liberdade e pelos direitos das mulheres de assumir as rédeas de suas vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto crucial é saber que, nos espaços transferenciais da identificação, constituindo uma pluralidade contraditória de filiações históricas (através das palavras, das imagens, das narrativas, dos discursos, dos textos, etc...), as coisas a saber coexistem assim com objetos a propósito dos quais ninguém pode estar seguro de *saber do que se fala*. (Pêcheux, 2002, p. 55, grifos do autor)

As análises empreendidas a partir de textos - imagens possibilita compreender o funcionamento da noção presença-ausência na perspectiva da AD conforme deslocamento realizado por Venturini (2017). E nessa compreensão entendemos que é possível, por meio de gestos de interpretação, presentificar Anita Garibaldi no espaço urbano de Laguna, apesar das ausências que ressoam no Museu.

A grande contradição é que, apesar dos esforços em presentificar a 'heroína de dois mundos' por meio da nomeação do espaço 'Museu Histórico Anita Garibaldi' (MHAG), dando visibilidade e contribuindo para a permanência de suas memórias, ao mesmo tempo isso a torna ausente. Essa ausência fica latente quando o museu confere destaque a outros sujeitos que segundo os curadores do espaço foram importantes na história do espaço urbano. Como não nos pautamos somente em acontecimentos históricos, lemos pela historicidade que se instaura que Laguna se projeta pelo nome Anita Garibaldi e que, a partir disso, torna-se reconhecida em todo Brasil e em cidades da Itália, destacando-se Gênova, aproximando os países nos eventos de comemoração/rememoração dos quais tratamos neste artigo, que deriva da tese que está em desenvolvimento.

Compreendemos que a ausência de documentos e de objetos que possam constituir redes de memória e presentificá-la no interior do MHAG resulta em um efeito interessante no visitante, como já foi destacado anteriormente, o qual antes de entrar no museu pensa que lá vai encontrar a história de Anita Garibaldi. A ausência de tais documentos faz com que esses sujeitos busquem mais informações, tendo em conta o efeito de curiosidade. Esse efeito redunda em visitas a outros dois lugares de memória: o Museu Casa Anita Garibaldi e a Casa onde Anita viveu, o que faz com que o visitante percorra o centro histórico e conheça os outros espaços memorialísticos que dão destaque aos outros momentos da História de Laguna, o que contribui não só para o turismo local, mas também fomenta o comércio da cidade.

A par disso, as histórias contadas sobre Anita e Giuseppe Garibaldi movimentam os discursos em torno da mulher e se convertem em entretenimento do visitante que é chamado a mergulhar na historicidade, entendendo essa noção como o que diz respeito à atualização do dizer pelo funcionamento do discurso de (interdiscurso), como "instância em que não há sujeito responsável pelo saber e pelo dizer [...]"(Venturini, 2024, p. 100), atendendo ao que se espera de um centro histórico. Ao longo do texto respondemos à seguinte questão: como Anita Garibaldi é presença e ao mesmo tempo ausência no Museu e na cidade que se diz a sua terra Natal, mobilizando as formações discursivas e ideológicas a partir da história e da memória,

entendendo que, sendo ausência, o que a presentifica são as memórias e a própria história.

No que tange à história, é importante destacar que não se trata da história ligada à verdade e a documentos, já que estes estão ausentes do museu. A história a que nos referimos vem por memórias e pela reinvenção da moça que casou para manter a tradição e os costumes e o que vem depois do casamento: a separação e o abandono de tudo para acompanhar Giuseppe Garibaldi. Entendemos que a história contada sobre ela e os discursos que sustentam essa história é que a tem mantido presente, mesmo ausente.

Anita é presentificada, enfim, pelo discurso, dos espaços físicos e pelas narratidades. A sua presença se apresenta pela ausência, pelo que não está lá, mas poderia estar e, em não estando, ressoa pela memória ou como memória.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Katielli Chaves Antunes. **Entrelaçamento dos discursos de/sobre Mafalda Veríssimo: documentos, livros e vivências.** Dissertação de Mestrado. 2021. Disp. em <https://tede.unicentro.br/jspui/simple-search?filterquery=Antunes%2C+Katielli+Chaves&filtername=author&filtertype=equals>
- CADORIN, Adilcio; Cadorin, Lucas. **Laguna terra mater: dos Sambaquis à República Catarinense.** 2013.
- CADORIN, Adilcio. **Anita: guerreira das repúblicas e da liberdade.** 5ed. – Santa Catarina: CulturAnita- Instituto Cultural Anita Garibaldi, 2020.
- CATROGA, Fernando. **Os passos do homem como restolho do tempo:** Memória e fim da História. Coimbra, PT: Edições Almedina, 2009.
- ORLANDI, Eni P. **Discurso e texto:** formulação e circulação dos sentidos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2001.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. 12a ed. Pontes Editores, Campinas, SP, 2015.
- ORLANDI, Eni P. **Quando a falha fala: materialidade, sujeito e sentido.** IN: Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia. Campinas/SP: Pontes Editores, 2017. P. 69 – 82.

RANCIÈRE, Jacques. **Os nomes da História**: um ensaio da poética da ausência. Tradução Eduardo Guimarães e Eni Orlandi. São Paulo: Educ, 1994.

SMAHA, Emily; BRAGA, Joaquim, VENTURINI, Maria Cleci. Inês de Castro: da crônica ao mito pela poética da ausência. Guarapuava/PR: **Revista Interfaces**, 2017, p. 69-79.

https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/5273/3640

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Orlandi [et all]. 3ª. Edição. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Orlandi. Campinas, SP: Pontes Editores, 2002.

PETRI, Verli. **O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do ‘dispositivo experimental’ da análise de discurso**. IN: Análise de Discurso em perspectiva: teoria, método e análise. Santa Maria/ RS:
Ed. Da UFSM, 2013, p. 39 - 48.

VENTURINI, Maria Cleci. **História e memória em (dis)curso: Fernando Catroga e a poética da ausência**. Guarapuava/PR: Revista Interfaces, V. 08, no. 04, 2017a, pp. 127-145.

https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/5261.

VENTURINI, Maria Cleci. O saber urbano por/em museus como lugares de fala. IN: DIAS, Cristiane Pereira Costa; COSTA, Greciely da; BARBAI, Marcos Aurélio.

Artefato de leitura. Campinas/SP: LABEURB/NUDECRI/UNICAMP, 2020, p.183-203.

<https://www.labeurb.unicamp.br/site/web/admimg/publicacao/arquivo/12/208.pdf>

VENTURINI, Maria Cleci. Discussões sobre a História e Memória na Análise de Discurso e na História. IN: **Relações entre discurso e história**: produzindo diálogos. /Zandwais, Ana; RASIA, Gesualda dos Santos (org.). – 1. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2021, p. 161-185.

VENTURINI, Maria Cleci. **Imaginário urbano**: espaço de rememoração/comemoração. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes editores, 2024.

ZANDWAIS, Ana. O historiador e o analista de discurso: por uma desconstrução de pressupostos positivistas. IN: **Relações entre discurso e história**: produzindo diálogos. /Zandwais, Ana; RASIA, Gesualda dos Santos (org.). – 1. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2021, p. 15-138.